

# PROTESTANTISMO, XAMANISMO E COSMOLOGIA TERENA: A MISSÃO INDÍGENA UNIEDAS E AS IGREJAS PENTECOSTAIS EM MATO GROSSO DO SUL-BRASIL

## *PROTESTANTISM, SHAMANISM AND TERENA COSMOLOGY: THE INDIGENOUS MISSION UNIEDAS AND THE PENTECOSTAL CHURCHES IN MATO GROSSO DO SUL-BRAZIL*

Rosalvo Ivarra Ortiz<sup>1</sup>  
Noêmia dos Santos Pereira Moura<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente artigo apresentamos os protestantismos histórico, pentecostal, suas implicações e nuances no campo religioso de Mato Grosso do Sul (1970-2010). Dessa forma, destacamos a apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena, povos indígenas pertencentes ao Tronco Linguístico Aruak, que criaram a Missão Indígena UNIEDAS no ano de 1972 e a concorrência estabelecida pela instauração de novas igrejas protestantes pentecostais e indígenas. Por assim corroborar, nossa investigação busca ampliar o olhar sobre a religiosidade, cosmologia, tradição Terena buscando compreender a pluralidade religiosa cristã nas aldeias Bananal e Ipegue e suas relações com o xamanismo histórico. Por conseguinte, quando voltamos à UNIEDAS, ora enquanto missão, ora enquanto Igreja, é para evidenciar o papel da instituição na conformação do campo religioso cristão Terena. Portanto, para a elaboração da pesquisa recorreremos as seguintes epistemologias: História, Historiografia, Antropologia, Teologia.

**Palavras-chave:** Protestantismo; Terena; Ressignificação.

**Abstract:** In this article we present the historical, Pentecostal Protestantism, its implications and nuances in the religious field of Mato Grosso do Sul (1970-2010). Thus, we highlight the appropriation of American Protestantism by Terena, indigenous peoples belonging to the Aruak Linguistic Trunk, who created the UNIEDAS Indigenous Mission in the year 1972 and the competition established by the establishment of new Pentecostal and indigenous Protestant churches. In order to corroborate, our investigation seeks to broaden the view on the

---

Artigo submetido em 21/02/2019. Aprovado em 03/04/2019.

<sup>1</sup> Mestrando em Antropologia e graduado em Ciências Sociais-Licenciatura pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados-FCH/UFGD. E-mail: rosaltvortiz@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990), mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2009). É professora adjunta IV da Universidade Federal da Grande Dourados, na Faculdade de Ciências Humanas, no Curso de Ciências Sociais e no Programa de Mestrado em Antropologia. Coordenadora Institucional PIBID/UFGD. Pesquisadora na etnia Terena. E-mail: noemiamoura@ufgd.edu.br



religiosity, cosmology, Terena tradition, seeking to understand the Christian religious plurality in the Bananal and Ipegue villages and their relations with historical shamanism. Therefore, when we return to UNIEDAS, now as a mission, now as a Church, it is to highlight the role of the institution in the formation of the Christian religious field Terena. Therefore, for the elaboration of the research we resort to the following epistemologies: History, Historiography, Anthropology, Theology.

**Keywords:** Protestantism; Terena; Resignification.

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”*

*(Na estrada com Madre Tereza de Calcutá)*

## 1. Tecendo a discussão

Três trabalhos importantes foram realizados acerca da UNIEDAS. O primeiro, elaborado por Aççolini (1996), que estudou a Igreja UNIEDAS da Aldeia Bananal sem, entretanto, perceber que a UNIEDAS era tanto uma Igreja quanto uma associação de Igrejas com díspares perspectivas. O segundo, Moura (2001), ao inverso de Aççolini que destacou uma Igreja somente de maneira leviana, preocupou-se em historicizar a constituição e organização da Missão UNIEDAS como um todo-um eixo conectado. Ou seja, trabalhou com os documentos da associação das Igrejas Evangélicas locais: União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS). Por último, de novo Aççolini (2004) lançou seu olhar para a religiosidade Terena enfatizando o que intitulou de *protestantismo à moda Terena*, mas sem levar em consideração os momentos históricos intrínsecos dos povos Terena, mas trouxe elementos novos para a discussão. Estamos voltando novamente a eles para demonstrar a dinâmica constituída por ambas pesquisas na intenção de desnudar as relações político-religiosas produzidas pelos Terena interna e externamente às suas Terras Indígenas, ancoradas por uma leitura interdisciplinar.

Na atualidade, nossa pesquisa busca ampliar o olhar sobre a religiosidade Terena buscando compreender a pluralidade religiosa cristã nas aldeias Bananal e Ipegue e suas relações com o xamanismo. Portanto, quando voltamos à UNIEDAS, ora enquanto Missão, ora enquanto Igreja, é para evidenciar o papel da instituição na conformação do campo religioso cristão Terena. A UNIEDAS foi uma das primeiras Igrejas, bem como a primeira Associação de Igrejas, protestante dos Terena (fotografias nº 14 e 15, nas páginas 261 e 262). Tornou-se



referência nos estudos sobre religiões e religiosidades dessa etnia. Todavia, desde seu surgimento disputou espaços com o Catolicismo, que está presente nas aldeias Terena há muitos séculos e foi reforçado nas últimas décadas do século passado pela inclusão dos leigos indígenas enquanto dirigentes locais. Dessa forma, é inconcebível falarmos em protestantismo Terena sem mencionar a UNIEDAS.

Após a conclusão do mestrado em 2001, voltamos às UNIEDAS para depositarmos a cópia da dissertação e ouvirmos os comentários acerca do texto. Naquela época o Presidente da Junta nos facultou informações mais detalhadas sobre o conflito estabelecido entre as duas missões (UNIEDAS e SAIM), que nos levou ao contato com os missionários em Chapada dos Guimarães, Cuiabá-MT. Algumas acusações sobre comportamentos considerados destoantes dos ensinamentos bíblicos foram levantadas entre os representantes das duas instituições. No Livro de Atas ficaram implícitas supostas “falhas morais”, mas percebíamos que no fundo era o desejo de autonomia o centro do conflito.

Havia, naquele momento, uma intenção da SAIM em deixar o trabalho para a UNIEDAS, porém essa não se concretizava. Havia uma disposição dos Terena para assumirem a evangelização que também não se traduzia em ações, uma vez que os subsídios financeiros deixariam de ser enviados. Contudo, as lideranças Terena começaram a moldar a UNIEDAS, de acordo com seu entendimento de como deveria ser uma Missão Indígena, principalmente no tocante aos aspectos culturais. Para tanto, tornava-se mais permissiva do que era admitido por sua genitora. Dessa feita, os missionários da SAIM resolveram deixar os índios organizarem a Igreja Evangélica Terena tal como entendiam que devia ser, conforme nos expôs o Missionário Wes Seng.

Atualmente há uma situação histórica de reaproximação entre os missionários da SAIM com a UNIEDAS. Em um contexto novamente amigável entre as duas instituições fomos procurar o Ami em Chapada dos Guimarães, em Mato Grosso para levantarmos a perspectiva missionária, com a qual algumas questões ficariam mais evidentes. Nossa visita ocorreu em fevereiro de 2007. Para nos receber, o casal Seng solicitou os nossos trabalhos sobre a UNIEDAS, através dos quais ficaram sabendo a versão das lideranças indígenas sobre o afastamento, bem como a nossa representação daquele fato. Manifestando concordância com a nossa investigação anterior (Wes e Trudy Seng) enfatizaram que a Missão Indígena foi o resultado de uma política de institucionalização do Protestantismo norte-americano no interior das aldeias Terena, gestada pelas Missões ISAMU e SAIM e pelas lideranças religiosas



crentes autóctones. Confirmaram que havia, de fato, um interesse mútuo em consolidar um grupo evangelizador indígena autônomo para facilitar o contato e a evangelização de outras etnias indígenas dentro e fora do Brasil.

A Missão Indígena UNIEDAS (MIU), por sua vez, buscou consolidar uma Igreja Protestante Indígena em cada aldeia Terena e estender seu proselitismo para outras etnias indígenas. Quando ocorreu a separação da SAIM em 1993, a UNIEDAS estava iniciando a evangelização de algumas populações indígenas das Regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Com a ausência de financiamento essas atividades proselitistas diminuíram substancialmente. Apesar do rompimento das relações entre a SAIM e a UNIEDAS, em 2005, na Aldeia Bananal, realizou-se uma cerimônia de reconciliação entre a SAIM e a UNIEDAS, altamente significativa, na qual ambas inauguraram um monumento na frente da primeira igreja consolidada pela Missão ISAMU. Essa cerimônia propôs-se a recompor as relações entre as missões, embora cada uma reconhecesse que seus tempos em comum tinham ficado no passado. Na penúltima etapa do trabalho de campo em abril de 2010, deparamo-nos com um missionário norte-americano em Taunay filiado à SAIM dos Estados Unidos. Provavelmente, essas relações estão sendo reatadas.

Uma questão central para todas as igrejas evangélicas, sem exceção, pelo que pudemos perceber, é a contribuição financeira que o afiliado tem que fazer. Enquanto as atividades da Igreja são subsidiadas pela parceira que a ajuda a se organizar, essa agrega muitas pessoas, mas quando atinge sua autonomia, fica circunscrita às famílias de seus idealizadores. As lideranças buscam outras explicações para o afastamento dos fiéis, mas uma das mais agudas parece ser essa. Por isso, o novo missionário norte-americano, que foi chamado pela Junta da UNIEDAS para soerguer as Igrejas Evangélicas que compõem a MIU, desenvolveu severas críticas à metodologia das gerações anteriores de missionários da ISAMU/SAIM, inclusive a de seu próprio pai.

As missões, segundo a autocrítica de alguns missionários ligados à SAIM, reconheceram o quanto foram paternalistas com os Terena e não os ensinaram a custear as despesas da Missão UNIEDAS. O trabalho cresceu até 1993, daí em diante declinou. Isso aconteceu com todas as demais igrejas, que geralmente nascem a partir de uma parceria com uma Igreja de fora. O Missionário Wes Seng, que chegou entre os Terena na década de 1970, salientou que até afastarem-se definitivamente em 1993, trabalharam em parceria as seguintes missões: MEU (Missão Evangélica Unida de nacionalidade alemã), a UNIEDAS e a



SAIM. Juntos reabriram o Instituto Bíblico para formação de quadros religiosos indígenas, conforme o trecho destacado a seguir.

Com a participação dos irmãos Alemães, o prédio nobre da Aguazul foi erguido, e a SAIM, a MEU e a UNIEDAS trabalharam juntos no treinamento de jovens que seriam os líderes do futuro para o avanço do reino de Deus. [...] Esta igreja somos nós. A Igreja Americana, Alemã e Coreana formam somente uma pequena parte do corpo todo. Os dons que Deus deu, Ele deu para a igreja TODA. E a igreja Terena é uma igreja com todos os dons, e com todos os privilégios (do corpo) dos filhos de Deus. Talvez por falta nossa, demorou para os irmãos Terena entenderem que eles tinham toda a capacidade e o direito de levar o evangelho para outras tribos que ainda não conheciam o Senhor Jesus. Como instituto, começamos a nos deslocar do nosso ninho confortável na Aguazul para visitar outros povos. Entre aqueles visitados estavam os povos Aikanã, Suruí, e Bororos. Para mim, essas viagens ofereciam uma emoção dupla. Era maravilhoso ver a alegria com que os nossos irmãos Terena eram recebidos. Com seus talentos e entusiasmo, suas fisionomias alegres, atraentes e saudáveis, eram vistos como modelos de vida... e a sua presença trazia esperança para outros povos de que eles também poderiam sair da ignorância e situação triste em que viviam. [...] E o povo Terena descobriu logo de fato, por meio de Jesus, eles tinham recebido todo o poder e autoridade do Pai – e que Ele realmente estava com os seus seguidores quando levavam este Evangelho, independente de raça ou cultura!

(CARTA DO MISSIONÁRIO WESS SENG, 2005)

Desde o afastamento da SAIM em 1993, vêm sendo desenvolvidas ações de reflexão sobre a prática de dizimar, mas mesmo assim as demandas de infraestrutura herdada requerem muito mais do que é recolhido. As lideranças indígenas esperam suplantar esses obstáculos ensinando seu “povo a pescar, ao invés de entregar o peixe”, afirmou Manoel Cândido, cantor evangélico e dirigente da Igreja UNIEDAS da Aldeia.

Podemos perceber que a UNIEDAS busca condições para assegurar suas atividades enquanto segue disputando espaços sócio-políticos com as demais Igrejas em Bananal e Ipegue. Seus dirigentes afirmam que todas as demais igrejas constituídas nas Aldeias Bananal e Ipegue saíram de dentro da UNIEDAS. Ou seja, as lideranças das novas pentecostais foram formadas na concepção da MIU. Ressaltam ainda que os membros desviados que formaram novas igrejas estavam interessados somente no poder e como nem todos chegaram a ser lideranças ficaram desgostosos e fundaram outra denominação.

Todas as lideranças crentes reconhecem essa condição de primogênita da UNIEDAS, mas se defendem enfatizando que a UNIEDAS não abria espaço para novas lideranças e que



também divergia delas no tocante ao falar em línguas. Nas palavras do ex-presidente da Missão UNIEDAS, percebemos o tom de insatisfação com os membros desviados e concorrentes.

Lá temos a Igreja Batista, nós temos a Igreja Indígena Independente, a Igreja Presbiteriana, nós temos a Assembléia de Deus, lá nós temos Deus é Amor. São seis denominações evangélicas que nós temos na aldeia. [...] saíram da nossa igreja, saíram da UNIEDAS. Nós temos hoje seis igrejas diferentes, mas é interessante que essas igrejas saíram da nossa igreja e que implantaram essas igrejas. Acho que o índio também teve aquela fase de que: - Eu também sei. E aí eles iam pra cidade de São Paulo e lá freqüentavam por alguns dias alguma igreja e: - Ah, nós precisamos de ajuda lá e não temos ajuda. E eles saíam de lá para cá já como pastores aí implantaram as outras igrejas. Foi assim que surgiram essas outras igrejas. Porque era só a UNIEDAS que mandava ali. Aí alguns começaram a por na cabeça que também sabiam.

(Pastor Jair de Oliveira, junho de 2000)

Há um diferencial entre as UNIEDAS e as outras igrejas evangélicas indígenas. As demais se identificam como Protestantes Pentecostais, enquanto a primeira se denomina Protestante Histórica. As Igrejas UNIEDAS primam pela formação teológica e seus cultos são semelhantes aos das Igrejas Batistas. Segundo Aççolini (2004, p. 120), que acompanhou de perto o cotidiano da Igreja UNIEDAS da Aldeia Bananal, o Pastor consultado frisava as semelhanças com a Igreja Batista, bem como a procedência dos materiais usados nas atividades de evangelização (cartilhas e Bíblias). Em outro estudo, Aççolini (1999) ponderou que na parte doutrinária eram apresentados aos adeptos três estágios religiosos pelos quais deveriam passar para alcançar a salvação:

Num primeiro estágio se encontra o plano natural, onde se incluem as pessoas que não passaram pela conversão; logo após, o plano carnal, onde se encontram as pessoas que já se converteram, mas que ainda seguem suas próprias vontades; o terceiro plano, e mais importante, é o espiritual. Este consiste no ideal de vida do adepto; são os fiéis e convictos em sua escolha e cujas vidas correspondem ao que é pregado pela igreja como os verdadeiros princípios de Deus.

(AÇÇOLINI, 2004, p. 121; grifos nossos)

A estrutura eclesiológica das Igrejas da Missão UNIEDAS baseia-se no congregacionismo, uma vez que possibilita a maior participação nas decisões dos membros do Conselho composto pelos anciãos, presbíteros e diáconos (MOURA, 2001). Entretanto, a principal diferença dessas Igrejas, ditas pentecostais, está centrada na descrença em relação



ao batismo com o Espírito Santo. Essa questão foi também registrada por Grazielle Açcolini (2004) quando se referiu ao sacramento do Batismo.

Os adeptos da Uniedas são batizados após um ano de preparação na Escola Dominical, na idade da razão; o pastor nos contou que eles não crêem no batismo do Espírito Santo, pois isto não faz parte dos ensinamentos da Bíblia. Existem ali as sessões de cura que, aliás, não acontecem durante o culto como é de costume na Assembléia de Deus e na Igreja Evangélica Independente Indígena Renovada da aldeia. Os membros da Uniedas marcam dias específicos para essa atividade. Eles alegam que com isso pretendem não chocar quem não entende bem o propósito das sessões e como elas são encaminhadas; por isso, as pessoas que freqüentam são os doentes crentes ou não, e os verdadeiros crentes em Cristo

(AÇCOLINI, 2004, p. 123)

Um aspecto marcante da UNIEDAS é a preocupação de seus dirigentes com o recurso musical no processo de evangelização dos seus adeptos. Valorizam sobremaneira os ensaios musicais preparatórios a partir dos quais o Coral se apresenta. Alguns de seus membros se aprofundam no estudo da música, bem como dos instrumentos utilizados. Geralmente, utilizam todos os tipos de instrumentos e dão preferência aos hinos de louvores e exaltação. O Coral sempre foi o ponto alto do culto, nessas igrejas. Desde antes da constituição da MIU, ainda na gestão da SAIM, existia o Grupo Nova Canção, que se apresentava em diversas igrejas e eventos religiosos evangélicos.

O Estatuto da UNIEDAS manteve-se praticamente o mesmo elaborado em 1972, porém a prática cotidiana dos crentes atualizou-se. Por exemplo, destacamos a regra de não se consultar com xamãs. Para nós, quando os questionamos sobre o tema, essa prática foi veementemente negada. Entretanto, nas conversas com as lideranças religiosas, após um período de contato nas aldeias, começamos a ouvir relatos nos quais os Terena recorriam às funções do koixomuneti. Para ilustrar vamos destacar o depoimento de um membro da UNIEDAS da Aldeia Bananal, anteriormente entrevistado por outra pesquisadora, que reproduziu o mesmo depoimento para nós em 2008.

[...] a Uniedas, a Missão Uniedas, ensina o seguinte, como a Bíblia está dizendo: quando tem alguma pessoa doente, eles não mandam, eles pedem a Deus que seja feita a vontade de Deus sobre essa doença. [...] Se um crente da Uniedas recorrer a D. Margarida, por exemplo, o presidente –ancião não vai repreender aquela pessoa? Vai, mas acontece que... não tem como impedir devido que dependemos da vontade de Deus. Eu inclusive, se eu ver



um filho doente ali, a fraqueza da carne sempre mais alta. Então, logo eu vou no médico, eu vou no benzedor, curandeiro para ver se recupera imediatamente a saúde do meu filho, da minha filha, da família. Então, muitas vezes através do curandeiro... faz isso imediatamente. Mas muitas vezes não é a nossa vontade; que a nossa vontade, nosso desejo é de ver o doente levantar imediatamente e sempre somos repreendidos quando nós participamos desses acontecimentos, curandeiro, benzedor [...]

(Sr. Manoel Cândido apud AÇÇOLINI, 2004, p. 168)

De acordo com a narrativa acima podemos afirmar que há espaços para manifestações religiosas cristãs e xamânicas entre os Terena cristãos católicos ou protestantes. Ao pastor compete tirar espíritos malignos que se incorporam nas pessoas. Essa é uma característica que os aproxima do Xamanismo. Todavia, não é somente essa a função do xamã indígena, tão bem possamos lembrar das palavras do missionário Whittington da ISAMU. O Koixomuneti é caracteristicamente ambíguo, pois tanto tira as doenças de espíritos como as pode causar. O líder cristão retira certos espíritos, mas não tem poder para combater o feitiço colocado por um xamã, segundo os indígenas. Isso torna a presença do xamã necessária dentro de uma Terra Indígena Terena, ainda na atualidade.

Lendo o texto de Isaac (2004) sobre os Terena migrantes da Terra Indígena Buriti para o Mato Grosso em Rondonópolis e de Pereira (2009) sobre a Terra Indígena de Buriti, podemos comparar com o que ouvimos em Ipegue e Bananal sobre a atualidade das crenças Terena. Isaac realçou a necessidade dos Terena crentes de Rondonópolis em se deslocar para Cachoeirinha (Miranda – MS) ou Bananal (Aquidauana/Taunay – MS) em busca dos xamãs Terena, com os quais possam se tratar de determinadas doenças que nem os médicos, os benzedores, os espíritas ou pai-de-santo curam. Por sua vez, Pereira (2009) demonstrou a atualidade do xamanismo no diálogo que desenvolveu em seu texto com Dona Senhorinha, xamã da Aldeia Buriti – MS. Os três autores, tal como nós, perceberam a atualização do xamanismo, mesmo que cada um explore situações e espacialidades diferentes.

Isaac (2004) destacou uma situação histórica na qual um dos líderes político-religiosos da UNIEDAS de Rondonópolis – MT retratou a nova visão que as lideranças da MIU estão tendo, da década de 1990 aos dias atuais sobre as crenças xamânicas. Seu informante, oriundo da Terra Indígena Buriti enfatizou as mudanças de discurso e prática da UNIEDAS, dada a impossibilidade de supressão da prática da pajelança.



Segundo Cirênio, as incongruências culturais que os impediam de seguir com rigor a doutrina evangélica levaram as várias nações indígenas para que vivessem o evangelho de acordo com sua própria cultura. Esse processo teria começado a se impor na década de 1970, mas só foi concretizado entre os Terena na década de 90 do século XX, quando eles teriam assumido a direção e a orientação política e religiosa da UNIEDAS. Todavia, é importante registrar que as Missões Evangélicas toleram, mas não recomendam tais práticas e que há pessoas Terena que seguem a orientação dos evangélicos nesse sentido.

(ISAAC, 2004, p. 209)

Concluimos que por mais que as lideranças religiosas Terena tentem camuflar práticas xamânicas essas teimam em aparecer. O novo contexto nacional, amplamente favorável à organização e reivindicação dos direitos indígenas, propõe à sociedade brasileira o respeito à diferença e a diversidade. É nesse momento que percebemos um movimento da UNIEDAS, mais do que das outras igrejas, em direção ao fortalecimento étnico. Traços como a educação bilíngue e a atualização do idioma Terena; o realçamento das danças típicas: Dança do Bate-Pau (homens) e Dança da Siputrema (mulheres); a ostentação de peças de artesanato na decoração de espaços arquitetônicos internos e externos às áreas indígenas e de enfeites corporais (colares, brincos, pulseiras, entre outros). Nessa fase, as lideranças Terena evangélicas da UNIEDAS e de outras denominações, devidamente instaladas nas aldeias, assumem a evangelização de seus patrícios impedindo a presença de lideranças não-indígenas na área. É o ápice da apropriação do protestantismo e de sua tradução ao protestantismo Terena. Os missionários tentaram cristianizar o Xamanismo e os indígenas, por sua vez, terenizaram o Cristianismo. Fazendo uma comparação entre as relações efetivadas pela Missão e pelos indígenas nas Aldeias Bananal e Ipegue contra a assimilação da sociedade brasileira, a academia e os indigenistas oficiais que tentaram transformar o índio em bugre foram levados a reconhecer, ao final do século XX, índios criativos, estratégicos e contemporâneos. Igrejas Pentecostais Indígenas nas Aldeias Ipegue e Bananal.

De acordo com os pontos apresentados no texto acima, o pentecostalismo entrou nas Terras Indígenas Terena no final da década de 1970. Neste tópico, vamos apresentar um rápido histórico de sua inserção e recepção pelos habitantes das Aldeias Bananal e Ipegue, bem como das suas relações com as demais igrejas cristãs e o Xamanismo. Vamos desenvolver a tese de que as igrejas pentecostais galvanizaram a insatisfação de alguns adeptos da UNIEDAS, que não conseguiam ocupar cargos de destaque e fundaram novas denominações.



Portanto, antes de optar por uma Igreja Pentecostal os atuais Pastores e dirigentes pertenceram às Igrejas UNIEDAS.

A propagação dos pentecostais se deu ao contrário das demais denominações protestantes, com o concurso de obreiros nativos. Estrategicamente os pentecostais penetraram, inicialmente, em congregações protestantes já existentes para, depois, lançarem-se ao proselitismo no todo da população. Responderam ao apelo pentecostal principalmente as pessoas mais simples que não encontravam guarida nem nas congregações protestantes tradicionais, nem no seio do catolicismo. A todas essas pessoas o pentecostalismo, que colocava ênfase na expressão espontânea, na revelação direta e oferecia muito calor em suas reuniões, propiciava a possibilidade de satisfazer as suas necessidades religiosas. Cada “crente” tinha, além disso, a chance de conseguir status religioso, de tornar-se líder e pastor (DREHER, 1992, p. 334-335).

Dreher parece ter se espelhado no campo religioso do qual estamos falando, tamanha a semelhança descrita. De fato, nem só de positividade são compostas as relações sociais nas formações sociais Terena. Como salientamos anteriormente, as redes de alianças produzidas a partir dos troncos familiares tornam-se uma referência para as demais aglutinações. Dessa forma, algumas famílias terminaram rompendo com aquelas que lideravam a MIU e constituíram novas denominações. Dentre essas famílias destacamos a de Pedro Gerônimo, que fora diácono da Igreja UNIEDAS da Aldeia Bananal, da qual estava desviado, conforme os evangélicos denominam os afiliados quando se afastam das atividades da Igreja.

Vejamos o histórico de cada igreja pentecostal, sua inserção e relações sócio-políticas nas Aldeias Bananal e Ipegue constitutivas do que estamos denominando Campo Religioso do Mato Grosso do Sul. Apresentaremos primeiramente as igrejas da Aldeia Bananal e em seguida da Aldeia Ipegue.

## **2. Igrejas Pentecostais da Aldeia Bananal**

### **2.1. Igreja Evangélica de Deus Indígena (IEADI)**

Fomos recebidos pela Diretoria da Igreja em fevereiro de 2008, após termos entabulado algumas conversas informais com seus dirigentes (fotografias nº 18 e 19, nas páginas 265 e 266). Na ocasião recebemos alguns documentos oficiais como Estatuto, Registro



de CNPJ e Ata de Fundação e o grupo nos cedeu um depoimento sobre a história da fundação e as atividades do Ministério da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Indígena (IEADI). A IEADI – Bananal é a Igreja Pentecostal mais antiga na Terra Indígena Taunay/Ipegue.

Nossa visita à Bananal e às Igrejas pentecostais indígenas ocorreu entre dezembro de 2006 e fevereiro de 2008. Coincidiu que nesse mesmo período a FUNAI solicitou um levantamento de todas as Igrejas nas áreas indígenas da Jurisdição da FUNAI de Campo Grande às Chefias de Posto. Portanto, antes de nos conceder os documentos e os depoimentos sobre a história da Igreja, a Diretoria da IEADI – Bananal solicitou uma apresentação de nossas credenciais e os objetivos de nossa pesquisa. Fomos convidados, eu e dois outros pesquisadores<sup>3</sup>, a usar a tribuna da Igreja para fazermos os devidos esclarecimentos no microfone. Após as devidas apresentações e respondidos os questionamentos, o Conselho nos concedeu os documentos disponíveis e o depoimento de seus representantes.

Dado o agendamento antecipado realizado por nós e a referência aos documentos disponíveis, o Conselho buscou o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica da referida Igreja que contém seus dados jurídicos para nos repassar, pois estava na IEAD – Aquidauana-MS. A igreja teve sua abertura cadastral há 25 de maio de 1990 e seu registro junto à Receita Federal em três de novembro de 2005, constando como instituição ativa. Todavia, o depoimento do Pastor Maurício Gerônimo registrou as primeiras atividades no ano de 1979.

Na verdade, começou em 1979 os trabalhos, daqui. [leitura da Ata de Fundação] 29 de maio de 1991. Daniel Almeida da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso veio de mudança na direção da casa do seu tio Hipólito e resolveu fazer Ação de Graça. Achando os irmãos desviados, Hipólito, Joel Vicente, Otávio Cecé voltaram a reconciliar ao senhor nosso Deus. Os irmãos pertenciam a Igreja UNIEDAS, mas não queriam voltar pra lá. Eu já tinha mandato de Diácono na UNIEDAS, mas não voltei. Depois veio na consciência em doar pequeno terreno. Começou o trabalho nas casas de Simplício Marques, depois Coriolano Vicente, eu me reconciliei na sua casa

(Ata de Fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Indígena da Aldeia Bananal, 30/10/1989).

A IEADI – Bananal é afiliada do Ministério Indígena Terena, cuja sede se encontra na IEADI da Aldeia Argola, situada na Terra Indígena de Cachoeirinha, município de Miranda –

---

<sup>3</sup> Professora Vera Lúcia Ferreira Vargas e agente da FUNASA Edmundo Pires.



MS. O Ministério é composto pelas IEADI das Aldeias Bananal, Limão Verde (Aquidauana – MS) e das Aldeias Argola e Passarinho (Miranda – MS). Ao que nos consta, de acordo com as explicações da Diretoria local, o Ministério consiste em uma Associação Religiosa envolvendo as IEADI das aldeias Terena destacadas, cujas finalidades são: “[...] a propagação do Evangelho de Jesus Cristo, fomentar as atividades educacionais, culturais, promover o bem-estar da Família indígena e assisti-la socialmente [...]” (Ata de fundação da IEADI da Aldeia Bananal, 30/10/1989, p. 1).

O Ministério elegeu sua Diretoria Executiva, o Conselho Fiscal e a Comissão de Conta, ficando assim constituídos: Diretoria Executiva: Presidente: Evangelista Adelino José; Vice-Presidente: Presbítero Coriolano Vicente; Primeiro Secretário: Evangelista Bruno Quirino; Segundo Secretário: Evangelista Maurício Jerônimo; Primeiro tesoureiro: Presbítero Hilário Candelário e Segundo Tesoureiro: Esmeraldo Ramires Baltazar. Conselho Fiscal: Alcindo Faustino, Armando Antônio e Presbítero João Candelário. Comissão de Conta: Bernardo Santana e J. Arruda<sup>4</sup>.

Indagamos aos dirigentes da Igreja sobre a IEADI da Aldeia Ipegue. Fomos informados que aquela Assembleia de Deus pertence a outro Ministério, que não é indígena. Portanto, não podem congregar juntos. De fato, a Assembleia de Deus da aldeia contígua foi vinculada ao Ministério dos Primogênitos e, por último, filiou-se ao Ministério Perus. A filiação das IEAD depende das relações estabelecidas pelos seus dirigentes indígenas. No caso da Assembleia de Deus da Aldeia Bananal, seu contato foi feito com uma Igreja de Mato Grosso, a qual pertencia o sobrinho de um dos fundadores. A IEAD de Ipegue estabeleceu contato com uma Igreja de São Paulo, através de um Pastor visitante. Eram muito comuns essas incursões missionárias nas aldeias pelo que pudemos perceber nos depoimentos dos líderes religiosos.

Os fundadores da IEADI, ex-afiliados à UNIEDAS, ficaram descontentes com os dirigentes e se afastaram das atividades da Missão, após a ruptura dessa com a SAIM. Segundo os membros da Diretoria Executiva o culto da IEADI é bem diferente dos cultos da UNIEDAS. “São alegres, movimentados e os batizados recebem o Espírito de Pentecostes. Na UNIEDAS não tem nada disso.” (Depoimento da Diretoria da IEADI da Aldeia Bananal, 2008). A experiência anterior na UNIEDAS permitia as comparações por parte das lideranças da IEADI.

---

<sup>4</sup> O nome desse segundo componente está ilegível na cópia que recebemos do Conselho da IEADI de Bananal.



Esse “sentimento de euforia” possibilitava aos dirigentes essas comparações. Capiberibe (2004) já havia apontado essas características quando nos relatou a visão dos Palikur sobre as atividades da Igreja Assembleia de Deus em sua Terra Indígena. Segundo a autora, no tocante ao protestantismo pentecostal a alegria é uma manifestação presente.

[...] a religião evangélica apresenta um Deus próximo e manifesto, aspecto que, como veremos, possui papel fundamental na aquiescência dos Palikur à nova religião. Não há na relação entre os Homens e Deus nenhum tipo de barreira, nem santos, nem padres, o que se apresenta é o chamado “Deus vivo” ou “Deus verdadeiro”. A comunicação desse Deus com os Homens ocorre em diferentes planos. De acordo com os Palikur, Deus pode comunicar-se por meio: das escrituras; da manifestação em seres da natureza; dos sonhos; do canto que estimula, o mais radical de todos os modos de comunicação com Deus, o batismo com o Espírito Santo.

(CAPIBERIBE, 2004, p. 168)

A síntese das possibilidades de manifestação do “Deus vivo”, que se relaciona no plano horizontal com os seus seguidores, os aproxima muito dos entes espirituais, que estão em toda parte e em todos os seres do Xamanismo Terena. As igrejas pentecostais funcionam, segundo Freston (1992:82), como casulos dentro dos quais se criam espaços-livres para a experimentação social da participação, auto-gestão, iniciativa pessoal, que quase sempre se rompem de fora pra dentro. Ou seja, para se livrarem da pesada estrutura da UNIEDAS, as lideranças religiosas compuseram uma outra Igreja que os colocava em um mesmo plano horizontal.

Geralmente, os dirigentes das Assembleias de Deus têm formação teológica, mas o chamado para o Ministério é feito pelo sinal do Espírito Santo. Em Bananal, segundo nossos colaboradores, foram formados quatro pastores, com a ajuda da Missão Presbiteriana Brasil-Coréia representada pelo Reverendo Sueng Mankim. Esses pastores estão distribuídos entre as Igrejas do Ministério. Segundo o Pastor Maurício Gerônimo,

Foram quatro pastores formados em Teologia: Samuel Gerônimo, meu primo, que está fazendo direito em Dourados na UEMS, prosseguindo estudo dele. Aproveitando oportunidade porque ele é jovem né, como a filha do irmão que faz geografia também né; Esmeraldo Ramirez, que está em Colônia Nova, Valter Massi, em Limão Verde e eu Maurício Geronimo, em Bananal” .

(IEADI da Aldeia Bananal - depoimento Pastor Maurício Gerônimo, fev. de 2008)



Em sua formação teológica o Pastor Maurício enfrentou as dificuldades de se adaptar na cultura brasileira, principalmente com relação ao idioma e aos costumes dos não-índios.

[...] deixa eu colocar assim pra você, quando a pessoa tem o toque de Deus mesmo, se sentir disposto a trabalhar, ele recebeu o chamado, pra Deus assim não precisa buscar o estudo; você fica ali na Igreja e Deus capacita, mas no entanto, Deus também precisa de mim, que eu tenha conhecimento, conhecimento humano, da lógica assim, né. E eu tive essa oportunidade assim de sair da minha aldeia e não consegui me adaptar, porque como você estava ouvindo, o índio é diferente, não tem aquele impulso, aquela capacidade, aquela coragem. Até uma vez meu professor, que é filósofo, me empurrou assim vai Maurício, estuda aí, faça a sua tarefa você tem capacidade; você é índio, mas você não é diferente. Então o que é isso, né? Quando eu fui pra lá eu sofri bastante, né. E Deus tem me ensinado bastante.  
(IEADI Bananal, Pastor Maurício Gerônimo, fev. de 2008)

Devido ao nome da Igreja ser Assembleia de Deus Indígena levantamos uma questão acerca das diferenças de um Ministério Indígena para um outro não indígena. Os depoentes apontaram duas diferenças que estão na forma de construir o trabalho evangélico. Segundo o Conselheiro Albino,

O motivo é que tem que se identificar. Se é Assembleia de Deus Indígena, é porque é só indígena mesma. E tem que marcar porque quem trabalha é o próprio indígena, mas trabalhar mesmo na mesa é do próprio índio. Presidente, conselheiros, pastor. Trabalho é do próprio índio, índio pra índio. Entra de fora pra lembrar. Tem ajuda sim, por exemplo, quem vai jogar as informações no site, na internet. Quem vai jogar na internet. Aí precisamos de ajuda, temos que confiar em alguém de fora, que entende. Quem tem competência, por exemplo: O Pastor Kim. Ele está como auxiliar da Igreja. O dízimo, na igreja de fora é diferente. Se você não der dízimo você não tem vida espiritual. Na Deus é amor, se você não dá dízimo não participa da Ceia. Pra nós isto não é certo. Isso não é bíblico, mas a Bíblia fala que tem que pagar o dízimo, né. Ambas tem Pentecostes. O purutuya ele gera esse recurso. E nós aqui foi mais difícil pra acontecer, pra nós gerar, pro ministério levantar; como os purutuya não geramos. É o que falta dentro do Ministério indígena e mais igreja né. Agora se nós fizer, igual os purutya, o que estamos esperando, temos que agir, temos riqueza de gerar dinheiro, ofertar, nós vamos gerar dinheiro. Aqui a gente não paga cartão de membro, lá nos purutuya paga, é anual. E se nós começarmos fazer isso nós vamos ver Assembleia de Deus crescer.

(IEADI Bananal, Conselheiro Albino, fev. 2008)

O ritual das atividades é o mesmo para as Assembleias de Deus. Talvez, segundo os representantes da IEADI, modifique um pouco o discurso dos dirigentes ao interpretar a Bíblia



para seus patrícios. A identificação com o complemento indígena é algo que eles têm como diferencial e necessário. O trabalho é de índio para índio por isso tem que marcar “porque quem trabalha é o próprio índio”. A segunda diferença está na ausência do compromisso de dizimar. Segundo os depoimentos, o índio acostumou buscar lá fora, mas agora as igrejas de fora falam para os índios custearem seu próprio trabalho. É aí que está o problema enfrentado pelos dirigentes. Eles estão procurando uma forma de conduzir seus afiliados a contribuir espontaneamente, apesar de saber que essa é uma obrigação deles. Albino deixa bem claro que “se a pessoa não der o dízimo, não terá vida espiritual.”

Outra questão salientada foi a inserção da Igreja na Aldeia, os líderes da IEADI foram taxativos em mostrar como a educação e o comportamento dos jovens mudou nos últimos tempos. Os jovens estão mais desobedientes, pois ficam muito tempo na frente da televisão e do computador. Afirmaram que o trabalho da Igreja está no incentivo aos jovens para que participem da vida na Igreja e se apeguem mais à palavra de Deus. “[...] porque daí você passa a conhecer, conhecer, né; as éticas boas, as instruções boas; enquanto lá fora, no mundo vamos dizer assim, nas escolas, nas estradas, na cidade, lá fora tem outro sistema. [...] há violência no mundo hoje, drogas, né.” (Depoimento dos dirigentes da IEADI – Bananal, fev. 2008).

As questões apontadas nos depoimentos dos dirigentes da Assembleia de Deus Indígena centraram-se basicamente no trabalho social que a Igreja desempenha na Aldeia com os jovens e as demais faixas etárias. No momento, os dirigentes estão se preparando para conscientizar os membros para dizimar em favor do Ministério ao qual estão filiados. Pretendem difundir o Evangelho entre os Terena das outras Terras Indígenas.

## **2.2. Igreja Evangélica Independente Indígena Renovada**

Fundada há 14 de fevereiro de 1984, a Igreja encontra-se devidamente registrada na Chefia de Posto da FUNAI na Aldeia Bananal, bem como no Cartório do 4º Ofício do município de Aquidauana, desde o ano de 1989<sup>5</sup>. Denomina-se renovada porque reconhece o Novo Testamento da Bíblia Sagrada como guia exclusivo de suas práticas e doutrinas. Segundo seu Estatuto, Jesus Cristo é a suprema autoridade. Independente em relação a qualquer outra

---

<sup>5</sup> A fundação da Igreja se deu em 1984, o estatuto foi finalizado em 1987 e registrado em 1989.



entidade religiosa, sua área de inserção exclusiva, por enquanto, é a Aldeia Bananal. Contudo, reconhecem que seus membros fundadores pertenciam aos quadros da UNIEDAS.

Ao definirem-se como Igreja propõem como principais fins os seguintes objetivos:

§ 1º : Reunir-se Regularmente para prestar adoração a Deus, estudos da bíblia e pregação do evangelho.

§ 2º : Concorrer para estabelecimento do reino de Deus por meios que ela achar estarem em harmonia com a escritura Sagrada.

§ 3º : Cultivar a fraternidade e a cooperação com as outras Igrejas da mesma fé, e ordem.

§ 4º : Criar ou seja solicitar auxílio financeiro para os necessitados Educação e outras obras de Utilidade à comunidade indígena de modo em geral, e ainda presta auxílio.

(Estatuto da Igreja Independente Indígena, 1987, p. 1)

De acordo com o depoimento de seu representante, a instituição tem um papel sócio-político relevante, pois se acha imbuída de atividades para auxiliar concretamente as pessoas necessitadas: arrecadar fundos para auxílio direto, além de reivindicar melhorias educacionais para a comunidade indígena. Essas melhorias não seriam apenas para o grupo da referida Igreja, mas para toda a população da aldeia. A meta é ajudar a população indígena a conquistar melhores condições de educação e saúde.

Tende a relacionar-se harmonicamente com suas congêneres, desde que sejam da mesma ordem e fé, buscando a comunhão entre as igrejas evangélicas. A definição de Indígena em sua denominação, talvez, refira-se diretamente ao segundo parágrafo de seu Estatuto, que lhe reserva o poder de decidir sobre os meios pelos quais ela entender que estão em harmonia com as Escrituras para o estabelecimento do Reino de Deus. As lideranças religiosas é que definirão quais são os direitos e os deveres de seus membros. No tocante à independência realçada no nome da entidade refere-se, provavelmente, à ausência de filiação com missões no sentido patrimonial e administrativo. Diferentemente da UNIEDAS, que na época da fundação dessa Igreja, em 1984, ainda estava filiada à SAIM.

Tal como cada aldeia Terena tem um Conselho Tribal que auxilia a administração do Cacique, essa Igreja tem uma Diretoria composta por Presidente, Vice-Presidente, Secretários Gerais (1º e 2º), Tesoureiros (1º e 2º), um Conselho composto por diáconos e anciãos, bem como uma Diretoria de Organização. Essa última instância, a Diretoria de Organização, é eleita



anualmente e constitui-se de uma Diretoria da Escola Dominical, de uma Diretoria da Sociedade de Senhoras e um Conjunto Musical. Os Secretários, os Tesoureiros e os diáconos têm um mandato de dois anos, enquanto o Presidente será vitalício até quando cumprir a doutrina bíblica. Uma das diferenças dessa para as demais igrejas evangélicas é que no ato da consagração do Presidente, o Ancião é também consagrado como Pastor e tem função vitalícia. Além disso, elege-se anualmente uma Comissão de Exame de Conta, cujo papel é examinar os livros da tesouraria da Igreja. Cada uma dessas funções tem seu papel definido estatutariamente.

### **2.3. Igreja Evangélica Pentecostal Redenção Eterna**

A Igreja Pentecostal Redenção Eterna inicialmente denominava-se “Rocha Eterna”. Em um primeiro momento, o Pastor responsável fez uma aliança com a sede do Ministério da Rocha Eterna em Londrina – PR, o que é muito comum nas Terras Indígenas Terena. Quase todas as denominações são fundadas em parceria com instituições externas e não-indígenas. O primeiro contato se dá com o pastor ou com seus familiares. Nesse caso, em específico, o Pastor atual era funcionário da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e por muitos anos trabalhou no Distrito de Taunay, que como comentamos, no início deste trabalho, faz limite com a Terra Indígena Taunay/Ipegue. De acordo com o que relatou, o Pastor recebeu um chamado para fundar e assumir um Ministério Evangélico na Aldeia Bananal. Diferentemente da UNIEDAS e da IEADI, sua formação se deu na prática juntamente com os membros da Igreja. Apesar de a Aldeia Bananal ser reconhecida pelos Terena como hegemonicamente protestante, pudemos observar que tem menos Igrejas Evangélicas do que sua vizinha Ipegue. Pelas informações recebidas das lideranças religiosas concluímos que o poder de persuasão da UNIEDAS de Bananal é amplo dado que a própria população da Aldeia limitou o número de denominações desde o começo da institucionalização do protestantismo na referida Terra Indígena. Ipegue, por sua vez, tentou estabelecer o mesmo critério, mas não conseguiu atingir seus objetivos. Na atualidade, existe um ponto de pregação da Igreja Deus é Amor, que está iniciando o processo de reconhecimento no âmbito interno da denominação, para posteriormente reivindicar seu espaço na Aldeia. Talvez, a população consiga após a aprovação dessa nova denominação se fechar para outras Igrejas. Todavia, isso é apenas uma probabilidade que se desenha nos discursos das lideranças religiosas e temporais.



Em contraste com as quatro Igrejas Evangélicas de Bananal, apresentam-se as cinco de Ipegue. Parece pouca a diferença, mas a questão que implica na comparação é a forte presença do catolicismo que permite uma expressiva influência do xamanismo nesta Aldeia. Desta forma, Ipegue aparenta ser menos restritiva do que Bananal e isso faz com que as denominações que ali se instalaram tenham tido mais facilidade para institucionalizar-se, o que não quer dizer que encontrem-se livres da concorrência cristã. A presença do Catolicismo em Ipegue ofusca a quantidade numérica do protestantismo, a nosso ver.

A Aldeia Ipegue, através de seus benzedores, curandeiros, purungueiros promove condições para seu reconhecimento enquanto uma aldeia católica, enquanto Bananal está “fechada” para tal tipo de manifestação pela propagação da descrença protestante em tais entidades. É como se a fronteira física entre as Aldeias Bananal e Ipegue fosse respaldada por uma outra fronteira de crenças espirituais. Todavia, ressaltamos que esse é apenas o pensamento hegemônico entre as lideranças religiosas, o que não o constitui como o único em ambas as aldeias. Voltaremos a esta problematização ao final deste capítulo, antes das considerações finais.

### **3. Igrejas Pentecostais da Aldeia Ipegue**

#### **3.1. Igreja Universal Assembléia de Deus dos Primogênitos (27/07/1981)**

Da mesma forma que a IEADI da Aldeia Bananal (fotografias nº 16 e 17, nas páginas 263 e 264) enfrentou a Igreja UNIEDAS para se estabelecer enquanto instituição, a Assembleia de Deus dos Primogênitos também enfrentou uma forte rival na Aldeia Ipegue: a Igreja Católica e a “imagética xamânica” do qual a população estava impregnada. Foram forças cristãs poderosas que limitaram frontalmente os espaços político-religiosos em ambas as aldeias. Contudo, a nova denominação conquistou seu espaço e se consolidou enquanto a primeira Igreja Pentecostal.

A Igreja Assembleia de Deus de Ipegue nasceu a partir do Ministério Primogênitos e esteve ligada à sua sede em São Paulo, desde 1986 (Ata de Fundação, 1986). Sua primeira denominação foi Igreja Evangélica dos Primogênitos Hebreus: 12-23 Independente. Os fundadores da Igreja sede eram residentes no município Osvaldo Cruz, estado paulista e eram não-índios. Segundo consta nos depoimentos da Igreja Evangélica Assembleia dos



Primogênitos, o seu primeiro culto pentecostal foi realizado em 27 de julho de 1981. Apesar de nos apresentar o documento de fundação da sede em São Paulo, datado de 1965, os trabalhos de evangelização partiram de uma filial daquela entidade, localizada no município de Anastácio – MS. Suas primeiras atividades em Ipegue foram realizadas na residência de João Dias da Silva, que posteriormente viria a ser reconhecido como o responsável pelo Ministério de sua Igreja.

Aberta a reunião sob a direção do Cacique ELCIO FLÔRES, que esclareceu o motivo da reunião, e em seguida passou a palavra ao índio JOÃO DIAS DA SILVA, morador nesta Comunidade de Ipegue, o referido índio solicitou ao Conselho Tribal AUTORIZAÇÃO PARA CONSTRUIR UMA IGREJA, - quintal de sua residência, em seguida apresentou o ESTATUTO DA IGREJA. DECISÃO: - As Lideranças Autêntico desta aldeia de Ipegue, jurisdicionado a 9º DR FUNAY em CAMPO GRANDE MS. Após verificar o ESTATUTO – da igreja Universal Assembleia dos Primogênitos, somente com a finalidade de EVANGELIZAÇÃO, as Lideranças por unanimidade decidiram de aprovar e AUTORIZAR a construção da IGREJA UNIVERSAL ASSEMBLÉIA DOS PRIMOGÊNITOS, nesta Aldeia de Ipegue, por se tratar de EDUCAÇÃO ESPIRITUAL sendo o responsável e dirigente dos trabalhos o referido indígena – JOÃO DIAS DA SILVA.

(Ata do Posto Indígena Ipegue, 1987<sup>6</sup>)

A primeira Diretoria, cujo Presidente era João Dias da Silva, iniciou a construção de seu templo logo após a liberação da autorização de abertura do Ministério pelas lideranças temporais.

A referida Igreja depois de muitas lutas e perseguições foi reconhecida no arquivo que se encontra nesta chefia pelos líderes tribais e liberados pelo chefe de posto o Sr. Lino Luiz e o Cacique Elcio Flores e aprovado pelo Conselho, e no dia 15 de setembro de 1986 começou a construção da nova Igreja e no dia 30 de outubro termina a construção da Igreja onde foi realizado o 1º culto de oração como agradecimento ao Nosso Senhor Jesus Cristo.

(Ata de Fundação da IEAD da Aldeia Ipegue, 1986)

O Chefe de Posto, bem como o Cacique, era afiliado à Igreja UNIEDAS e é muito provável que a discussão em torno da abertura ou não de uma Igreja Pentecostal em Ipegue tenha passado por esse compromisso religioso das ditas *autoridades autênticas*<sup>7</sup>. Este fato nos

---

<sup>6</sup> Destaques contidos no documento original.

<sup>7</sup> Os Terena separam as lideranças religiosas das civis. O Cacique e o Chefe de Posto são as lideranças autênticas reconhecidas pela FUNAI e representantes jurídicos da Aldeia. Os pastores, leigos e demais dirigentes religiosos



permite refletir sobre a ingerência política das igrejas da Missão UNIEDAS nos espaços profanos internos às Terras Indígenas e vice-versa. A discussão fora demorada porque daquele momento em diante a concorrência seria estabelecida entre os protestantes históricos e os pentecostais. As lideranças da Aldeia usaram sua influência para prorrogar a abertura de mais uma igreja evangélica na Aldeia de Ipegue. Todavia, como o Terena é habilidoso e diplomático esse caráter da disputa não ficou explícito. O Livro de Atas da Missão UNIEDAS foi uma fonte fundamental para levantarmos os nomes dos atuais dirigentes das igrejas pentecostais e constatarmos sua ligação anterior com a Missão. Os dois líderes autênticos (Cacique e Chefe de Posto Terena) participavam da UNIEDAS desde a sua fundação.

Para regularizar um Ministério em área indígena, os interessados têm que solicitar ao Cacique e ao Conselho Tribal o registro da entidade na Chefia de Posto. No caso da Igreja Universal Assembleia de Deus dos Primogênitos, cuja fundação oficial se deu em junho de 1987, somente os documentos não revelariam o conflito estabelecido através do pedido de apreciação documentado. Nos depoimentos constatamos que houve uma sistemática resistência por parte das lideranças representativas da Aldeia, que permaneceu no âmbito das relações sociais e políticas internas. Embora os trabalhos de evangelização ainda estivessem sem a aprovação do Conselho Tribal e da Chefia de Posto, vinham ocorrendo desde o ano de 1981, conforme a Ata de Fundação. Portanto, foram muitos anos de gestão para o reconhecimento legal da instituição

Algumas questões presentes no documento de aprovação do Conselho Tribal merecem destaques e reflexões pontuais: 1) a solicitação é feita de um índio para lideranças autênticas; 2) o Cacique, o Conselho e o Chefe de Posto, todos indígenas, são as autoridades autênticas na Aldeia Ipegue, bem como nas demais aldeias Terena; 3) o índio solicitante é morador na Comunidade de Ipegue; 4) a Igreja tem que ter Estatuto e ser dirigida por um morador residente na área para ser autorizada pelas lideranças; 5) a finalidade exclusiva do dirigente e da Igreja é evangelizar, ou seja, educar espiritualmente os demais residentes na Comunidade; 6) qualquer mudança na nomenclatura da Igreja ou na direção tem que ser comunicada às lideranças autênticas da Aldeia Ipegue, pois ficou destacada em caixa alta a denominação da Igreja e do seu dirigente.

---

foram por nós reconhecidos como lideranças, mas não pelos indígenas. No documento citado fica evidente a configuração do poder.



Do mesmo modo, a estratégia de preservar a liderança do Cacique, enquanto a maior autoridade indígena é uma necessidade de impor limites ao processo de co-gestão consolidado pelo estado brasileiro. Essa co-gestão caracteriza-se pela presença das associações e das ações englobadas no processo de redemocratização brasileira, que atingem as populações indígenas através das organizações associativas propostas pela sociedade nacional. Associações que têm um amplo poder de decisão fora e dentro da área indígena. São as portas de entrada para a captação de recursos financeiros para a Comunidade, além de serem os contatos priorizados pelos parceiros externos.

Há uma potencialização da disputa por espaços de poder dentro da área indígena, mesmo que todos sejam unânimes em afirmar que a liderança pertence ao Cacique. A disputa se amplifica nos momentos de conflito interno. Por exemplo, à época da eleição para Cacique e das eleições municipal, estadual e federal. Os grupos reagem e agem em favor de suas necessidades. Nas aldeias, a cada eleição para Cacique, são substituídos conjuntamente os diretores das escolas indígenas, os agentes de saúde e todos os demais cargos assalariados que não pertencem ao quadro efetivo, pois pertencem à esfera da barganha política. Os concursados oponentes ao Cacique eleito podem ficar ilesos do desemprego, porém dificilmente se asseguram contra os possíveis remanejamentos. Essas são algumas das questões que perpassam as relações político-religiosas nas aldeias Terena. O mesmo pode ocorrer com a troca de Prefeito, uma vez que esses cargos em sua maioria são municipalizados.

Retomando a discussão sobre a presença da IEAD em Ipegue, é oportuno salientarmos que a Igreja Assembleia de Deus rompeu com o Ministério Primogênitos em 1996 e aliançou-se com o Ministério Madureira, Campos dos Perus, cuja sede regional estava localizada em Aquidauana - MS<sup>8</sup>. Essa ruptura ficou na informalidade e, por isso, não foi informada às autoridades civis, conforme as regras estabelecidas no documento de concessão de funcionamento. Por conta disso, em 1996, os membros da Diretoria da Igreja Primogênitos dissolveram-na e levantaram a Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso da Aldeia Ipegue (Ata de Reunião, 27/02/1996). Naquela ocasião, seu dirigente expôs as novas normas que foram acatadas por unanimidade.

---

<sup>8</sup> Os Ministérios se formam de acordo com a tendência da Igreja com as quais os Terena estabelecem relações amistosas e de reciprocidade. Nos casos específicos são dois Ministérios diferentes – Madureira e Perus. Essas Igrejas são contatadas pelos Terena interessados em levantar um novo culto em sua Aldeia. Geralmente, eles se tornam Pastores.



[...] foi passado a direção do trabalho para o pastor evangelista João Batista de Oliveira para pregar a palavra do Senhor, como tema Neemias cap. 6, 1-3, e na sua pregação, falou sobre as normas da Assembleia de Deus, de comum acordo todos concordaram com a nova direção, e ficou aprovado que a partir desta data esta congregação passou a ser ligada a Assembleia de Deus Ministério Madureira Campos de Perus, sob a direção do Pastor Evangelista João Batista de Oliveira.

(Ata de Reunião da Diretoria da Igreja Primogênitos, 27/02/1996)

Decorreram-se quatro anos de transição e, ao final desse período foi eleita a Primeira Diretoria Indígena da nova instituição seguindo a disposição: Primeiro Dirigente: Dionísio Delfino; Vice-Dirigente: Fábio Correa; Primeiro Secretário: João da Silva; Segundo Secretário: Valdomiro Amado; Primeiro Tesoureiro: Sabino Domingo; Segundo Tesoureiro: Vitorino da Silva. Todos os dirigentes são indígenas, pois uma das observações constantes na Ata de Fundação é de que “o trabalho está sob a direção exclusiva do Índio Terena, domiciliado nesta reserva” (Ata de Fundação da Igreja Assembleia de Deus em Ipegue, 17/01/2000).

As igrejas pentecostais são fundadas por famílias indígenas e dessa forma localizam-se no quintal de seu primeiro dirigente. O terreno é doado para a instituição e passa a ser de responsabilidade do quadro de afiliados. Diferentemente, as Capelas Católicas, cujos cinco primeiros prédios são uniformizados nas aldeias Bananal, Ipegue, Cachoeirinha, Limão Verde e no Distrito de Taunay e fundados na década de 1930, se localizam na rua principal de cada aldeia. As Capelas foram construídas quando os Padres Redentoristas chegaram ao Mato Grosso e iniciaram os contatos com os Terena. Portanto, pode-se deduzir que os católicos eram mais influentes na década de 1930 do que os protestantes da *South American Indian Mission* (SAIM), uma vez que a Chefia de Posto cederam um terreno estrategicamente bem localizado para construir seus templos em ambas as aldeias. Na rua principal ficam sediados a Escola, o Posto Indígena, o Posto de Saúde, além de ser à entrada da aldeia.

As demais igrejas protestantes e pentecostais foram construídas, conforme indicado acima no trecho destacado, no terreiro da residência de seu requerente. Isto posto, é importante destacarmos o contexto histórico de construção dos prédios e a cosmografia hegemônica nas aldeias, bem como salientar que foi preciso muito empenho político para serem aceitas em uma aldeia católica. Ao menos nas aldeias Bananal e Ipegue foi possível perceber evangélicos politizados.

Destacamos um exemplo do apelo político contido no discurso da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em um documento que nos foi entregue pela sua Diretoria. Trata-se de



um discurso em nome dos fiéis da Igreja Primogênitos. Reflete a tomada de consciência histórica do contato interétnico e o conceito de Primogênitos para os indígenas da Igreja Universal Assembleia de Deus, que apesar de deixar de ser ligada à primeira matriz continuou insistindo ser a primeira igreja pentecostal daquela aldeia. Foi escrito por Ambrósio da Silva, que se autoidentifica Índio Kadiwéu. Assemelha-se a um Manifesto, embora não receba este título. Aliás, nem contém título. Resolvemos citá-lo na íntegra, uma vez que a riqueza de detalhes se perderia acaso o parafraseássemos. Ao lermos o documento vamos percebendo como os indígenas se veem a si e ao mundo que os cerca. Percebemos, também, quanto às agências cristãs potencializam as capacidades indígenas.

Primogênitos das terras virgens da América do Sul, nosso viver é caminhar em direção à gigantesca responsabilidade de nunca abandonarmos os rastros dos nossos antepassados cromossomos legítimos desta terra. Igualmente ao vento que assopra as águas que correm pelos rios e mares sem nunca pedir licença aos vivos, visto pela harmonia perfeita, o belo era impecável, assim éramos, o que o europeu desconheceu. Tarde demais, hoje, prejuízo irreversível à humanidade ambientalista. Mas nós já éramos soldados ecologistas natos, guardiões da terra. Os governos decidem o destino das nações no sangue e pela força humana. O sangue e a carne indígena alimentaram o combustível para assegurar as terras já habitadas pelos nossos pais. Jamais trocar, ou vender a nossa cultura, prisma que identificará os nossos filhos, perante as nações emergentes do amanhã, na virada do milênio. Enquanto a América do Sul não ouvir o nosso brado, em forma de canção, louvando o início de uma nova era, ritmado pela musicalização dos acordes dos nossos instrumentos musicais, a vida indígena perpetuará longa caminhada no caminho traçado pelo homem branco. A fartura parece estar às nossas portas, porém distante de ser atingida; o ouro e o dinheiro não resistem à usura e, pelo seu uso excessivo, debilitam a visão real do futuro, logo se fragmentam; mas a terra permanece, mesmo sendo ela agredida, continua viva, como nossa história; agora mais do que nunca, na luta pela sobrevivência que iniciará após os 500 anos de BRASIL INDÍGENA. Choramos muitas vezes, mas nunca cabisbaixo. Unidos pela força da alma e do espírito e, pelos olhos da fé, conseguimos chegar aos quinhentos anos para testemunhar a nossa História. Hoje, essa caminhada ao 3º milênio, não é apenas do Índio, mas do negro, do branco, de todos nós, povos da grande pirâmide da civilização pluriétnica brasileira.

(Carta de Ambrósio da Silva – Índio Kadiwéu, 2000, grifos do autor)

O documento apresentado revela a identidade indígena da Igreja Evangélica Assembleia dos Primogênitos, bem como o compromisso desse povo com o meio ambiente às vésperas da comemoração dos 500 Anos de Brasil. Naquele momento, as populações indígenas organizadas transmitiram várias mensagens à sociedade brasileira, tais como esta:



Tarde demais, hoje, prejuízo irrecuperável à humanidade ambientalista. Mas nós já éramos soldados ecologistas natos, guardiões da terra. Os Terena afirmam a responsabilidade dos índios para com a preservação do meio ambiente; ou seja, sua consciência ecológica, desde sempre, ao passo que os não-índios ergueram essa bandeira muito recentemente. Atestam ter várias identidades sem deixar de ser índio.

Nossas considerações reforçam o caráter e a persistência indígena nas mais variadas situações. Choramos muitas vezes, mas nunca cabisbaixo. Unidos pela força da alma e do espírito e, pelos olhos da fé, conseguimos chegar aos quinhentos anos para testemunhar a nossa História. Salientam que o fato de ser crente ou católico não faz com que o Terena abandone sua cultura e rompa os laços com seu povo. Ao contrário, no documento acima transcrito fica evidenciado o caráter político institucional da Assembleia de Deus indígena até o momento de justificar o conceito de Primogênitos. Foram os primeiros habitantes desse território, mas têm consciência de que hoje não são mais os únicos. Sentem-se pertencentes à “grande pirâmide da civilização pluriétnica brasileira.” São diferentes dentro da diversidade compósita da sociedade brasileira; são civilizados, tal como os demais componentes da sociedade brasileira. E, mais significativo ainda, têm a clareza histórica de estar adentrando em um outro milênio e que “o caminho traçado pelo homem branco” por 500 anos não destruiu a diversidade cultural.

Estão vivos, diferentes, diversos e juntamente com várias etnias indígenas reivindicam uma participação efetiva e o reconhecimento de suas capacidades através de seus movimentos indígenas e suas associações: “[...] Enquanto a América do Sul não ouvir o nosso brado, em forma de canção, louvando o início de uma nova era, ritmado pela musicalização dos acordes dos nossos instrumentos musicais, a vida indígena perpetuará [...]”. Ao Estado que discrimina e recrimina as populações indígenas deixam seu recado de que nunca vão desistir de defender suas terras, conquistadas a peso do sangue de seus antepassados. Os governos decidem o destino das nações no sangue e pela força humana. O sangue e a carne indígena alimentaram o combustível para assegurar as terras já habitadas pelos nossos pais.

Entendemos que os Terena estão na fase de domesticação dos brancos e de seus espaços sócio-políticos (CUNHA, 2002), pois estão nos colocando para falar o que eles querem que saibamos e transmitamos. Foi assim que lemos a intenção do Pastor João Dias da Silva quando nos entregou o documento anteriormente destacado.



### 3.2. Igreja Evangélica Filadélfia Indígena Independente (11/05/2002)

A fundação de uma Igreja faz com que uma outra perca parte de seus membros. No caso da Igreja Filadélfia (fotografias nº 21 e 22, na página 268), o Pastor responsável pela nova entidade religiosa pertenceu por mais de uma década à Missão UNIEDAS, em cujos espaços se formaram pastor e se consolidou liderança religiosa. A ruptura com a genitora, quase sempre é explicada pela falta de espaço para crescer dentro do Ministério, pois os cargos estão sempre em disputa. É bem provável que as lideranças religiosas, a seguir relacionadas, por qualquer motivo, sintam a necessidade de consolidar um outro espaço sócio-político. Juntos formataram um outro Ministério, o qual atendia suas demandas. Os Terena, sempre que encontram oportunidade, consolidam uma liderança (PEREIRA; OLIVEIRA, 2003; VARGAS, 2003; AÇÇOLINI, 2004; ISAAC, 2004).

Aos onze dias do mês de maio do ano de Dois mil e dois da era Cristã, as vinte e uma hora e cinco minutos, reuniram-se várias pessoas que comungam dos mesmos anseios e desejos espirituais para a Fundação de uma Igreja com o nome de “Igreja Filadélfia Indígena Independente”, será constituída por tempo indeterminado, e com número indeterminado de membros uma Sociedade Religiosa sem fins lucrativos com sede na Aldeia do Ipegue, Taunay Distrito do Município de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul, à frente da mesa o Presbítero Roberto Pascott iniciou a reunião, feita a contagem, com a presença de 33 (trinta e três) pessoas que serão relacionadas em folhas em separado do Livro de Presença com nome completo e data de nascimento e as devidas assinaturas fazendo parte integrante desta Ata [...]

(Ata de Fundação da Igreja Filadélfia, 11/05/2002)

Como pudemos observar, o fato de produzir registros sobre as instituições religiosas é um hábito consolidado pelas igrejas protestantes. Seus arquivos guardam a memória de suas ações e realizações. O registro, pelo visto, é uma necessidade das lideranças religiosas e uma exigência das lideranças temporais. É uma forma de controle dos fiéis e dos próprios dirigentes. No trecho acima, percebemos a importância dada pelas lideranças religiosas indígenas aos apoiadores purutuya, nesse caso o Presbítero Roberto Pascott, durante o reconhecimento da nova instituição. Quase sempre, na abertura de um ponto de pregação evangélico o grupo indígena recebe o apoio por parte de uma ou mais instituições religiosas de fora da Terra Indígena. Um dos requisitos para a aceitação da Igreja pelas lideranças civis



Terena é que após seu assentamento ela venha a assumir um caráter autônomo e independente.

As autoridades eclesiais, listadas a seguir, foram eleitas pelos membros para compor a Diretoria operativa da Igreja: Pastor Dionísio Francisco - Presidente; Diácono Célio Pereira da Silva - Vice-Presidente; Diácono Leocádio Francisco Albuquerque – 1º Tesoureiro; Presbítero Demétrio Gonçalves – 2º Tesoureiro; Fabiano Constantino da Silva – 1º Secretário; Diácono Fábio Correa – 2º Secretário. Estavam presentes a essa cerimônia trinta e três pessoas, as quais juntamente com a Diretoria comungam os mesmos anseios e desejos espirituais da entidade.

A denominação Igreja Filadélfia Indígena e Independente é sugestiva e parece ser recorrente entre os Terena. Segundo o Pastor Dionísio Francisco, o termo indígena propõe o desenvolvimento de trabalhos especificamente em áreas indígenas e pelos próprios índios, enquanto independente é o status da Igreja Filadélfia em relação a qualquer outra denominação religiosa interna ou externa. Quer dizer que está livre de qualquer intervenção externa. Além de frisar sua identidade a partir da própria denominação, a Diretoria registra, na Ata de Fundação, os nomes de todos os fundadores presentes àquela cerimônia. Essa parece ser uma medida estratégica utilizada pelas igrejas para identificar e assegurar a coesão do corpo associado no ato de sua formação.

De acordo com o Estatuto da Igreja Filadélfia, que assegura sua plena autonomia e soberania, a instituição só deve obediência a Deus e às autoridades constituídas na forma da Lei do Estado e do País, conforme manda a própria Bíblia (Ata de Fundação, 2002: 1b). Sendo autônoma, a Igreja pode se relacionar com quaisquer denominações que lhe aprovar, desde que aprovado por seus membros ativos. Em seu Regimento Interno, publicado na Ata de Fundação, logo após o Estatuto, expõe sua forma de organização e administração.

A organização e administração da Igreja deverá acompanhar o ritmo de seu desenvolvimento. A Igreja terá forma Independente, forma essa em que a entidade pratica o autogoverno, administra o seu próprio governo mediante a voz da maioria de seus membros. Desenvolver ministros dentre os membros capacitando-os para dirigir a Igreja, homens cheios do Espírito Santo.

(Ata de Fundação da Igreja Filadélfia, 2002, p. 4 a)



Tem como propósito organizativo formar seu próprio corpo doutrinário através do investimento na formação de novos quadros dirigentes. A base organizativa se ancora na comunhão e na cooperação. Suas doutrinas se baseiam no que reconhecem enquanto uma instrução na Palavra de Deus e na vida Cristã. Enfatizam o que consideram as doutrinas fundamentais.

Temos que ser unidos em um mesmo parecer com respeito; - Atividades cristãs; - Ao vício do álcool; - Ao vício do fumo; - Como também qualquer droga nociva à saúde humana; - Às diversões populares (bailes, teatros, jogos, sorteios, bingos, datas comemorativas pagãs), tatuagens pelo corpo, namoros desordenados, desvio de comportamento social, (roupas provocantes e ou transparentes, tais como: decotes, costas de fora, miniblusas, minisaias); - À exigência da Lei civil quanto ao matrimônio, capaz de afetar a admissão de membros novos; - A maneira de tratar com membros, que caem em pecado e desonram o nome de Cristo e da Igreja (MT. 28: 19, 29) (...) – ajuda as pessoas menos capazes, menos bem informadas, e menos corajosas a serem melhores do que poderiam ser sozinhas; - Ajuda o homem a vencer o sentimento de medo e frustração, por intermédio de Cristo, o amigo sempre presente; - Torna possíveis as amizades que resultam em casamento na elevação de ideais e em lares felizes; - Dá aos pais altos ideais de vida e de amor que tornam o lar um centro do viver firme e nobre; - Ajuda a destruir as causas de toda miséria e infortúnio – o pecado e a ignorância; - Cooperava para que haja melhores escolas, política mais sadia, vida social mais pura, e mais justiça nacional; - Está do lado da Lei e do direito, e gera respeito pelas coisas que fazem grande uma Nação; - Convida todos os homens a uma vida de fé, adoração, e serviço cristão à humanidade. – E este é o modo de servir a Deus.

(Ata de Fundação da Igreja Filadélfia, 2002, p. 5).

Em respeito às Leis nacionais vigentes, bem como os seus respectivos representantes a Igreja Filadélfia elaborou um conjunto de regras de comportamento e conduta que propõe uma vida verdadeiramente cristã. As pessoas que tendem a incluir-se no rol de membros devem apresentar a vontade e a disposição de alterar sua rotina, seus valores e sua conduta. De certa forma, os membros constroem situações pedagógicas, a partir dos acontecimentos cotidianos, para a aprendizagem de seus associados.

Um dos destaques possíveis é a obediência às autoridades constituídas. Todas as autoridades devem ser respeitadas, independentemente de suas ações, uma vez que foram escolhidas para determinada função. A vigilância, a solidariedade, a cooperação e o respeito são valores reconhecidos pela instituição como elementos pertinentes a uma conduta cristã que devem ser cotidianamente observados. Todo comportamento, valor e conduta externos



às diretrizes propostas levam a um outro destino, que distancia o membro dos ensinamentos de Cristo.

De acordo com esse conjunto doutrinário, a Igreja concretamente ativa através de seus membros está constantemente observando e corrigindo os desvios dos cristãos a ela associados. Todos se observam e todos ajudam os demais a se corrigir. Constituiu-se a partir da vigência desse corpo doutrinário um grupo diferenciado dentre os demais na Aldeia Ipegue. Os impedimentos morais e sociais afastam os membros da Igreja da vida social da aldeia, principalmente das festas profanas (bailes, danças tradicionais, jogos, comemorações do Dia do Índio, dentre outras).

Finalmente, duas outras entidades religiosas estão em funcionamento na Aldeia: A Igreja Presbiteriana e o ponto de pregação da Igreja Deus é Amor.

### **3.3. Igreja Presbiteriana**

Em nossas estadias nas aldeias Bananal e Ipegue não encontramos o Pastor da Igreja Presbiteriana que de acordo com as informações recebidas dos demais Terena reside em Aquidauana-MS, na Vila Trindade. O Pastor ausentou-se porque estaria trabalhando e residindo na cidade. Ficamos sabendo que as visitas dessa liderança religiosa à Aldeia são esporádicas e em nenhuma das vezes em campo conseguimos dialogar com seu dirigente.

### **3.4. Ponto de Pregação da Igreja Deus é Amor de Aquidauana-MS**

Essa atividade religiosa ainda não foi reconhecida pelas lideranças temporais da Aldeia, pois ainda é um ponto de pregação. Um ponto de pregação é entendido pelos evangélicos como a primeira fase de existência de uma Igreja que poderá vir a se constituir e consolidar, ou ainda desintegrar-se no processo de constituição. Após esse estágio a denominação atinge o status de Congregação e, após a configuração de um quadro de afiliados passa a ser uma Igreja. Todavia, faz-se necessária a anuência das lideranças temporais e o reconhecimento da nova denominação por parte das lideranças religiosas.

A Diretora da Escola Feliciano Pio nos informou que as lideranças religiosas conformadas e as lideranças temporais realizaram uma reunião que tratou sobre a existência e a abertura de novas instituições religiosas na Aldeia Ipegue. Decidiram que não seriam mais



aceitas novas denominações religiosas, uma vez que as existentes eram suficientes. Dessa forma, concluímos que as lideranças da denominação Deus é Amor enfrentarão vários entraves até ser concluído seu processo de reconhecimento enquanto Igreja. Por enquanto, nenhuma solicitação de seus dirigentes chegou às mãos do Cacique. Todavia, os trabalhos iniciais estão sendo desenvolvidos sob uma tenda no terreno de um dos fundadores.

As Igrejas, entretanto, têm um determinado peso político no período de eleição para Cacique. O atual Cacique de Ipegue é membro da Igreja UNIEDAS, assim como o Cacique de Bananal é afiliado a Igreja Evangélica Independente Indígena. Portanto, mesmo que cada liderança temporal tenha sua opção, termina por respeitar a de seus patrícios para evitar maiores conflitos internos. As lideranças Terena procuram sempre evitar problemas internos. Além do mais o Cacique não é eleito apenas pelos membros de sua Igreja e precisa constituir sua base de apoiadores. Ouvimos nos depoimentos dos dois caciques quais as igrejas que os tinha apoiado nas eleições. Na Aldeia Bananal, o atual Cacique recebeu apoio de sua Igreja Independente, bem como da UNIEDAS. Em Ipegue, o Cacique recebeu apoio de sua Igreja UNIEDAS e de outras, mas preferiu omitir os nomes.

Apesar dos votos dos membros em sua totalidade não serem fechados para determinado candidato, pois a Igreja deixa a critério de cada um, segundo seus dirigentes, a Igreja por si só se constitui em um espaço de formação de opinião, principalmente quando suas lideranças (Pastor e Conselho ou Coordenadores) tendem a apoiar determinado candidato. Mesmo com toda a positividade em torno das Igrejas cristãs constituídas, atentamos para o fato de que as lideranças religiosas percebem a compartimentalização dos trabalhos de evangelização e catequese nas aldeias Terena. É corrente a ideia de que as placas das igrejas evangélicas dividem as aldeias, entre as lideranças católicas. Da mesma forma, como os evangélicos afirmam ser uma característica Terena a divisão de uma Igreja maior em outras menores. No caso das denominações evangélicas nas aldeias Bananal e Ipegue, esse fenômeno foi constante nas décadas de 1980 e 1990.

A primeira grande divisão religiosa, cuja ressonância no campo político interno e externo se fez notar, foi entre as facções crentes e católicos, tal como expusemos nos capítulos anteriores. Por toda a primeira metade do século XX esses dois grupos disputaram membros e espaços sócio-políticos, sob o aval dos purutuya estrangeiros. Entretanto, era apenas o início de um amplo conjunto de divisões internas.



O Catolicismo se transformou e o Protestantismo se subdividiu. O percurso do Protestantismo anglo-norte-americano resultou na constituição da MIU (Missão Indígena UNIEDAS) e dessa entidade se subdividiram várias células religiosas. As características que as assemelham é a liderança religiosa autóctone e a autonomia de outras Igrejas externas ou não-indígenas. O que as identifica enquanto diferentes são suas denominações e as tendências às quais se dizem filiadas. As Igrejas UNIEDAS pertencem ao mesmo Ministério, mas ressalvam sua autonomia estatutária e regimental em cada Aldeia, ao mesmo tempo em que se identificam com o Protestantismo histórico de missão. As demais Igrejas Evangélicas identificam-se com o Protestantismo Pentecostal, apesar de algumas ressentirem-se da ausência de intérpretes de línguas. Algumas pessoas falam em línguas (glossolalia), mas “(...) falta alguém que interprete o que está sendo comunicado” (IEADI da Aldeia Ipegue, depoimento do Pastor Wilson, fev. de 2008). Dessa forma, encontra-se a Igreja Evangélica Assembléia de Deus da Aldeia Ipegue.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus Indígena da Aldeia Bananal pareceu-nos não apresentar as mesmas preocupações da IEAD de Ipegue. Por sua vez, encontra-se em união com outras IEADI e formam um Ministério Indígena, cuja sede foi fundada na Aldeia Argola, na Terra Indígena Cachoeirinha em Miranda-MS, por apresentar o maior templo à época da fundação do Ministério Indígena. Atualmente, a preocupação central das suas lideranças religiosas é disciplinar os seus afiliados a dizimar, para sustentar as ações de evangelização que pretendem expandir para outras aldeias e Terras Indígenas Terena. Percebemos que no campo religioso protestante a Missão UNIEDAS disputa com o Ministério IEADI da Aldeia Bananal, nas Terras Indígenas Terena, apesar da pequena inserção da IEADI, que apresenta dificuldades de expansão.

Como havíamos anunciado na introdução deste último capítulo, voltamos nosso olhar para as diferenças entre o Cristianismo Protestante e suas relações com o Xamanismo das Aldeias Bananal e Ipegue, que apesar de sua proximidade geográfica distanciam-se religiosamente.

### **Síntese e considerações finais**

Nestas considerações finais, reafirmamos a tese da persistência de identidades religiosas cristãs distintas para as duas aldeias Terena estudadas: Bananal evangélica e Ipegue



católica. Ambas constroem e reproduzem diferentes representações religiosas reconhecidas na atualidade pelos seus habitantes. Essas identidades funcionaram como recursos (empowerment) potencializadores das habilidades e capacidades das lideranças religiosas Terena, bem como de cada um dos membros afiliados, leigos e clientes dessas instituições.

Nosso recorte espaço-temporal recobriu todo o século XX, dividindo-o em duas fases históricas perpassadas pelas disputas sócio-político-econômico culturais entre a sociedade brasileira, representada pelo Estado brasileiro, e as populações indígenas. Na primeira fase, localizada na primeira metade do século XX, apresentou-se uma Política Indigenista de caráter assimilacionista e populações indígenas se adequando às Reservas Federais, dentre outras formas de territorialização. Naquela conjuntura, as etnias indígenas estavam voltadas para a demarcação e homologação de suas terras, além de demandar questões em torno das políticas sociais de saúde, educação e segurança.

A segunda fase revelou organizações indígenas e indigenistas dispostas a resgatar alguns direitos históricos e conquistar outros espaços legais, cobrando do Estado brasileiro o reconhecimento à diversidade e às diferenças culturais. Para compreender melhor essas conjunturas, a partir do viés religioso na Terra Indígena Taunay/Ipegue, tomamos como parâmetro as Aldeias Bananal e Ipegue e conformamos o que denominamos de campo religioso sul-mato-grossense, para a primeira fase e campo religioso de Mato Grosso do Sul, para a segunda. Essas aldeias foram consideradas pelas lideranças Terena como as portas de entrada do protestantismo e do catolicismo. Desta forma, tentamos verificar as disputas inerentes a esse campo, que seguiram se metamorfoseando ao longo do século passado, salientando a interlocução entre os espaços sagrados e os espaços profanos.

Nossa intenção neste artigo é fornecer elementos e argumentos para o leitor perceber como as lideranças religiosas terenizaram o Cristianismo sem deixar de realizar e participar dos rituais xamanísticos. Ressaltamos as transformações e enfatizamos as permanências ao longo do processo de apropriação e adaptação do Cristianismo aos padrões Terena. Ao mesmo tempo, demonstramos como as lideranças religiosas Terena foram preparando seus membros para ocupar espaços sócio-políticos ou político-religiosos.

No diálogo proposto entre a História e a Etnologia, percebemos que fomos muito mais historiador do que etnólogo, uma vez que valorizamos intensamente o olhar diacrônico enquanto um olhar mais aguçado sobre os aspectos pontuais do ethos Terena deixamos a desejar. Buscamos fazer, em alguns momentos do texto uma comparação entre a forma dos



Terena se apropriarem do Cristianismo e o terenizarem e as maneiras dos Palikur, Baniwa e os Xokleng indigenizarem seus parentes e vizinhos. Tivemos a sensibilidade de perceber que além dos Terena outras populações indígenas desenvolveram a habilidade de indigenizar outras etnias. Todavia, o Cristianismo abriu os olhos dos crentes e católicos, mas principalmente os dos crentes, para a apropriação e domínio dos códigos organizadores e dominadores da sociedade brasileira. Dessa forma, as lideranças à frente do processo de apropriação dos saberes cristãos se civilizaram e abriram a possibilidade de transitar e ocupar espaços sócio-políticos interna e externamente às suas Terras Indígenas.

Portanto, reafirmamos que por todo o século XX as lideranças religiosas Terena estiveram divididas em agrupamentos crentes e católicos e essas divisões perpassaram os demais setores de organização social, política, econômica e cultural. De uma maneira abrangente procuramos evidenciar que as lideranças religiosas Terena, em nome de sua etnia e de objetivos individuais e familiares, se apropriaram do Cristianismo em suas variadas tendências, produzindo um Cristianismo Terena. O resultado foi que todos os espaços sagrados e profanos internos à Terra Indígena Taunay/Ipegue foram paulatinamente ocupados por representantes Terena crentes ou católicos.

### **Fontes arroladas**

*Ata de Fundação da IEAD da Aldeia Ipegue, 1986.*

*Ata do Posto Indígena Ipegue, 1987.*

*Ata de Fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Indígena da Aldeia Bananal, 30/10/1989.*

*Ata do Posto Indígena da Aldeia Ipegue de aprovação da abertura da Igreja Universal Assembleia dos Primogênitos, 22 de junho de 1987; Ata de Fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Mato Grosso em Aldeia Ipegue, 17 de janeiro de 2000.*

*Ata de Reunião da Diretoria da Igreja Primogênitos, 27/02/1996.*

*Ata de Fundação da Igreja Filadélfia Indígena Independente da Aldeia Ipegue, 11 de maio de 2002; Livro de Atas nº 01.*

*Carta de Ambrósio da Silva – Índio Kadiwéu, 2000.*

*Carta do Missionário Wess Seng aos Terena da Missão Indígena UNIEDAS, 2005.*



*Depoimento Pastor Maurício Gerônimo, fev. de 2008.*

*Estatuto da Igreja Independente Indígena, 1987.*

*Igreja UNIEDAS do Distrito de Taunay, Pastor Jair de Oliveira, junho de 2000.*

## Referências

AÇÇOLINI, Grazielle. *A Adoção de um novo mito*. Araraquara, SP: Dissertação de Mestrado em Sociologia (não publicada), 1996.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo à moda Terena*. Araraquara, SP: Tese de Doutorado em Ciências Sociais (não publicada), 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Prefácio. In: ALBERT, B.; RAMOS, A. R. (Orgs.). *Pacificando o Branco: Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: EDUNESP, 2002.

DREHER, Martin. *História dos Protestantes na Amazônia até 1980*. In: HOORNAERT, Eduardo (Org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes: CEHILA, 1992, p. 321-340.

ISAAC, Paulo Augusto Mário. *Modo de existir Terena na comunidade multiétnica que vive em Mato Grosso*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências sociais na Área de Etnologia Indígena. Mestrado na PUC de São Paulo, 2004. 235 p.

MOURA, Noêmia S. P. *UNIEDAS: O Símbolo da Apropriação do Protestantismo Norte-Americano pelos Terena Crentes (1972-1993)*. Dissertação de Mestrado em História. UFMS, Campus de Dourados – MS, 2001.

PEREIRA, Levi Marques; OLIVEIRA, J. E. *Perícia Judicial apresentada ao Ministério da Justiça, 2003*.

\_\_\_\_\_. *Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade*. 1ª ed. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. *A construção do território Terena (1870–1966): Uma sociedade entre a imposição e a opção*. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Dissertação de Mestrado, 2003. 162 p.

WRIGHT, Robin M.; KAPFHAMMER, Wolfgang. Apresentação. In: WRIGHT, Robin M. (Org.) *Transformando os deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Vol. I. Campinas, SP: UNICAMP, 1999.

